

**Um casamento
arranjado....**



...mas muito feliz!!

Apesar de ser uma história que parece roteiro de filme de comédia romântica, a história retrata os fatos como realmente aconteceram. É uma lembrança para todos os convidados (muitos dos quais nem ficaram sabendo do que aconteceu nos bastidores, antes de lerem este livro...).

Os nomes foram trocados para preservar a privacidade dos personagens da vida real.

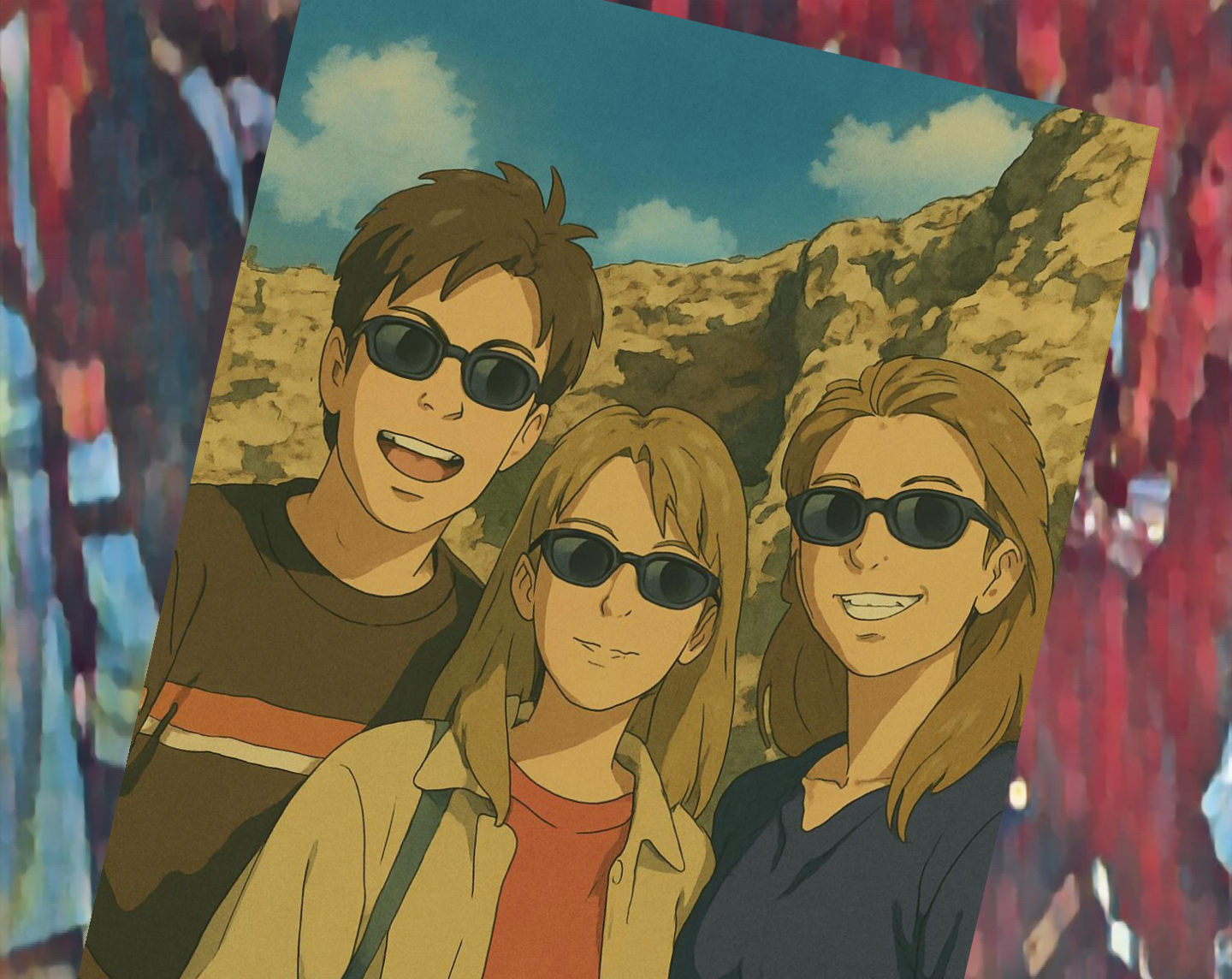
Conte você também a sua história...



Visite o site www.clickdeclassa.com.br e acompanhe as novas histórias que forem surgindo.

Siga a página @clickdeclassa_ebooks no Instagram para conferir todas as novidades em primeira mão.

Clickdeclassa - Todos os direitos reservados.

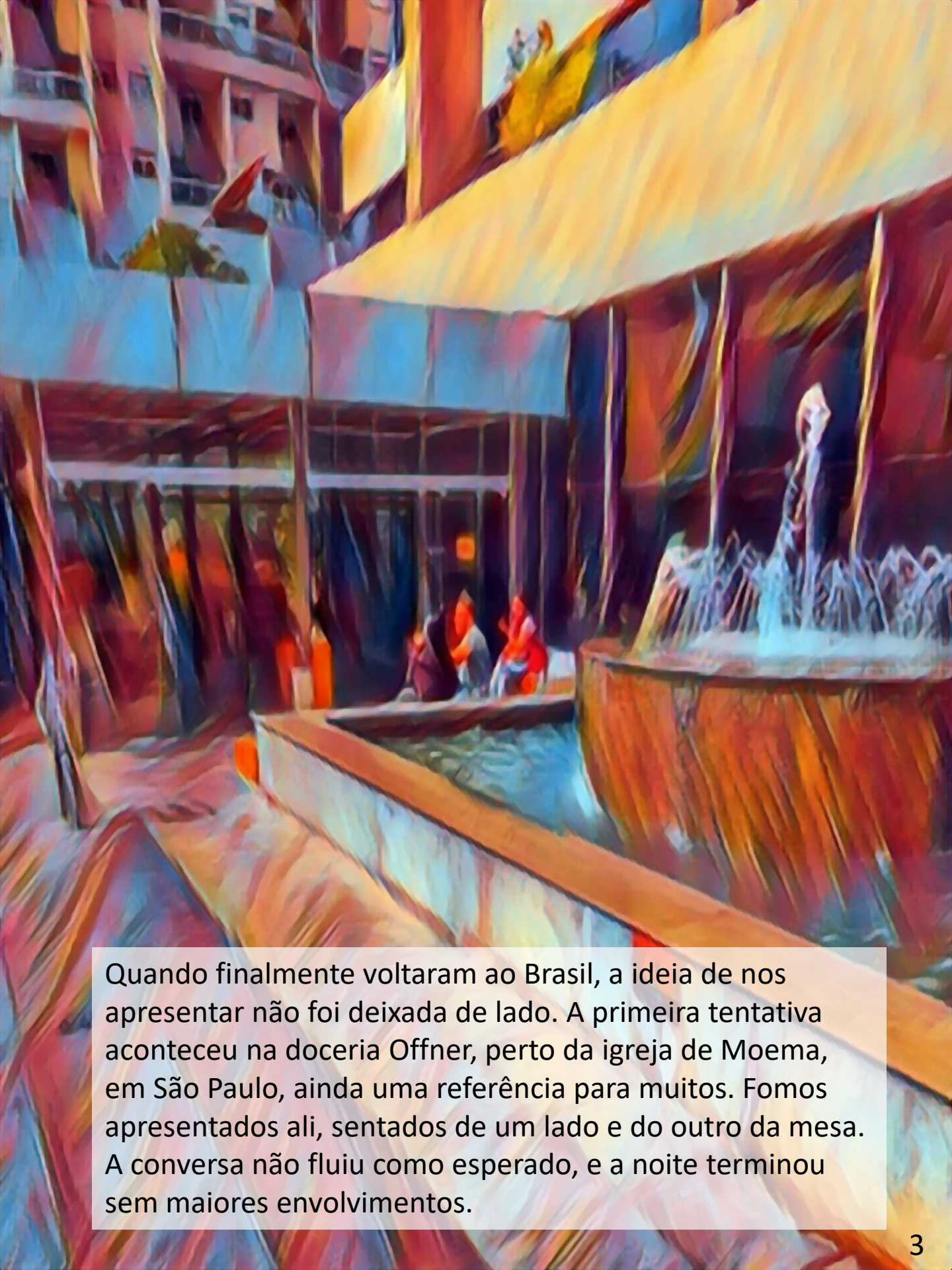


Em 2002, o meu grande amigo Flavio, foi premiado com uma distinção que seria entregue nos Estados Unidos, e a alegria era imensa, afinal, ele havia conquistado algo grande em sua carreira. Mas não era só ele quem teria a honra de receber o prêmio. Roberto, outro colega da mesma empresa, também havia sido agraciado, e ambos tinham a liberdade de levar um acompanhante para a cerimônia.

Flavio, claro, levou sua esposa, Ana. E Roberto, por sua vez, decidiu convidar sua irmã, Marina. A Ana, que tinha uma percepção afiada, comentou com Flavio que Marina poderia ser uma pessoa muito interessante para o Carlos (eu...). Era o tipo de sugestão que deixava o Flavio curioso, mas também cauteloso. “Seria bom apresentá-los quando voltarmos”, disse Ana, com um sorriso travesso, como quem sabia de algo que mais ninguém sabia.



Assim que os amigos partiram para os Estados Unidos, os rumores começaram. Os viajantes começaram a brincar com Marina, chamando-a de "Sra. Hauser". Ela, naturalmente, dava de ombros, como quem não acreditava em encontros arranjados e dizia que "nunca dão certo". Fizeram diversos passeios nos Estados Unidos e as brincadeiras continuaram. Até mesmo durante a cerimônia de entrega da premiação.



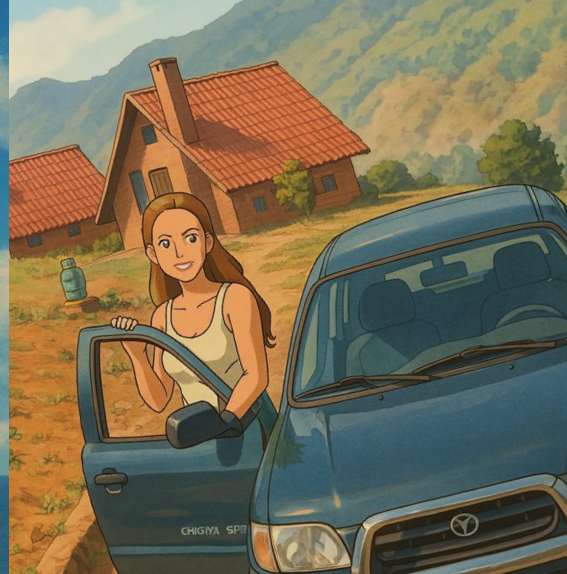
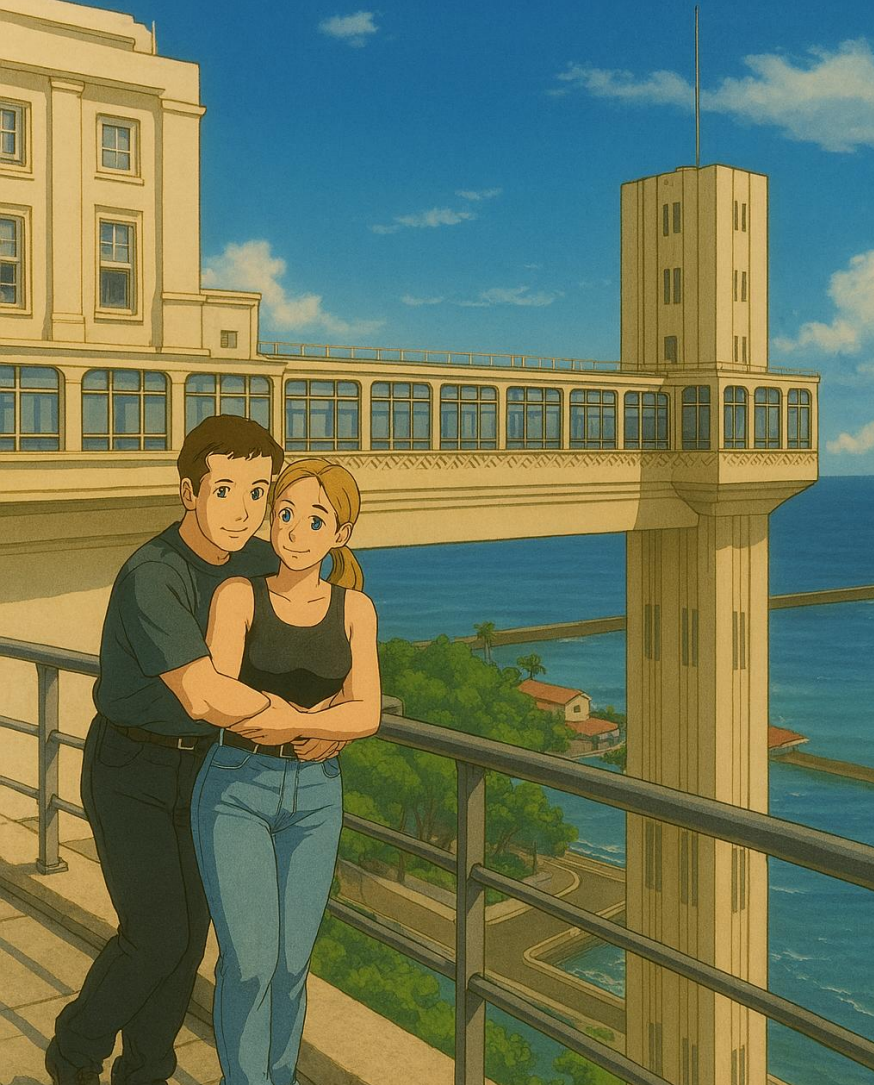
Quando finalmente voltaram ao Brasil, a ideia de nos apresentar não foi deixada de lado. A primeira tentativa aconteceu na doceria Offner, perto da igreja de Moema, em São Paulo, ainda uma referência para muitos. Fomos apresentados ali, sentados de um lado e do outro da mesa. A conversa não fluiu como esperado, e a noite terminou sem maiores envolvimento.



O tempo passou, e algo me dizia que havia mais entre nós do que uma simples troca de palavras em uma mesa de café. Comecei a procurar por seu número, algo que poderia ter feito antes, mas o número que eu tinha anotado estava errado e não conseguia falar com ela.

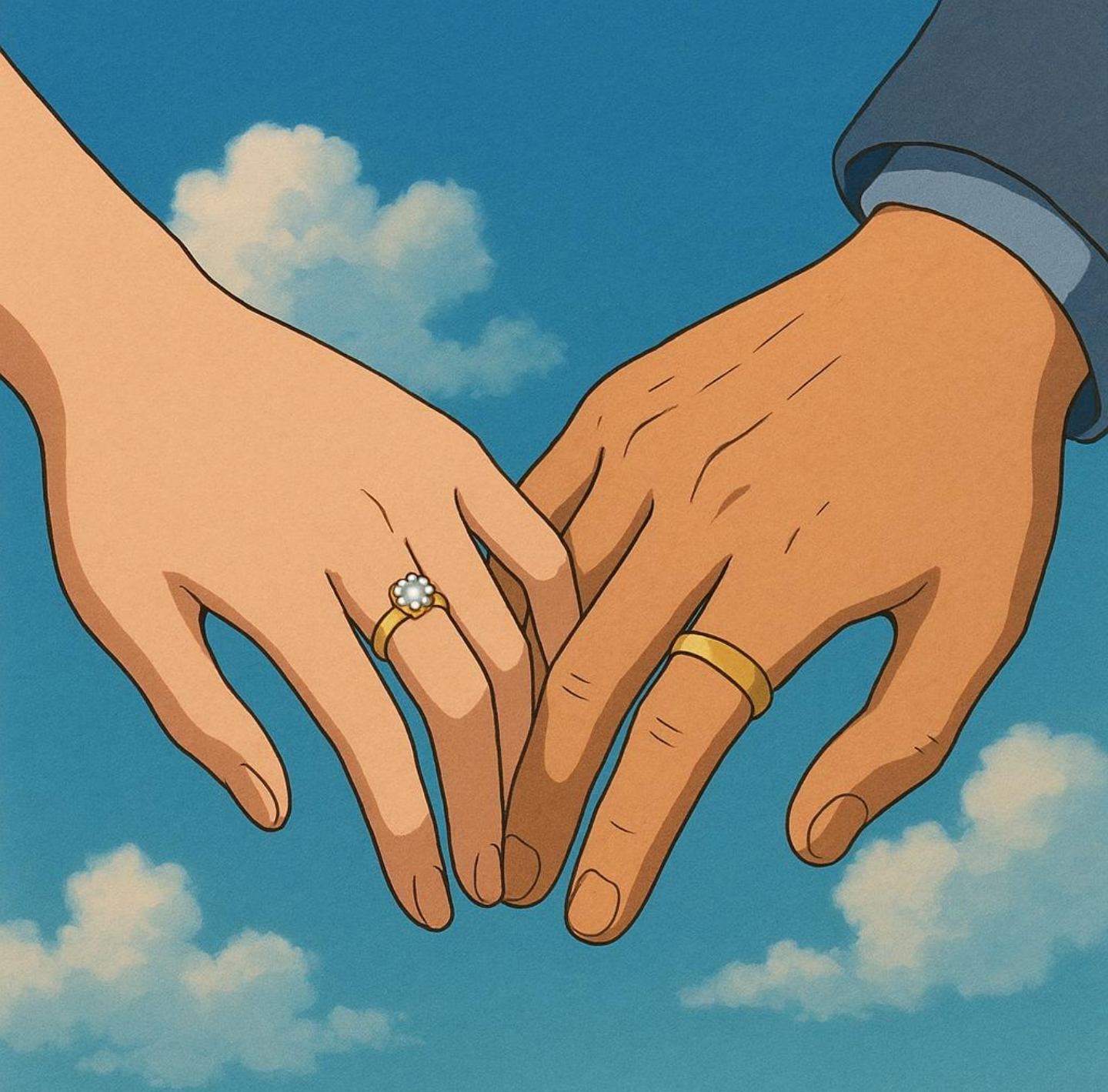
Foi então que, semanas depois, uma nova oportunidade apareceu. Era uma noite em um bar dançante chamado Azucar, na Vila Madalena. A estratégia dos cupidos foi mais ousada. Roberto convenceu Marina a ir para não ficar “segurando vela”, já que os outros estariam acompanhados, mas não sem antes fazer a revelação surpresa na porta: O Carlos estaria lá também. Quando todos se cumprimentaram, Flavio e Ana se afastaram para dançar e o Roberto também deixou a mesa, deixando Marina e eu a sós. E foi ali, sem opções, que a conversa realmente começou a acontecer.

Falamos por horas, descobrindo afinidades, e uma chama muito sutil, mas intensa, começou a se acender entre nós. No final da noite, sem mais nem menos, eu a convidei para ir até minha casa. E foi lá que, com um beijo, começamos algo que, para nós, parecia quase inevitável. Marina brincou, dizendo que sua boca ainda estava inchada da recente cirurgia dental, mas nem isso diminuiu a intensidade do nosso primeiro contato.



Fizemos algumas viagens para nos conhecermos melhor e fomos até a Bahia, o interior de São Paulo e Santa Catarina. Pouco tempo depois, decidi que queria, algo mais sólido. Comentei com Marina sobre a ideia de comprar um apartamento, e foi aí que ela sugeriu um prédio em retomada de obras próximo à casa da sua mãe.

Não demorou muito para eu tomar uma decisão impulsiva e, com uma proposta muito agressiva, o construtor aceitou. A novidade me fez sentir que eu estava no caminho certo.



Em outubro daquele mesmo ano, fomos até Santa Catarina, para uma visita à casa dos meus pais. Lá, durante o feriado, fiz uma pergunta que mudaria nossas vidas: pedi Marina em casamento. Na manhã seguinte, acordamos com alianças nos dedos.

Meu pai, o Sr. João como era conhecido e a dona Eveline ficaram muito felizes. Ao voltar para São Paulo, contamos a novidade para Roberto e Dona Rute, a mãe de Marina. Eles ficaram surpresos, pois nossa história juntos tinha apenas cinco meses, mas muito felizes também.



Com o casamento já decidido, começamos os preparativos. Precisávamos de um local onde pudéssemos realizar tanto a cerimônia religiosa quanto a festa, pois queríamos reunir familiares de diversos estados, e até de fora do país. Mas o tempo estava contra nós, e encontrar um lugar disponível para dezembro de 2003 parecia impossível. No entanto, algo inesperado aconteceu: um dos locais que gostamos teve uma desistência, e o lugar estava disponível. Mas a data seria em apenas quatro meses, no final de fevereiro de 2003.



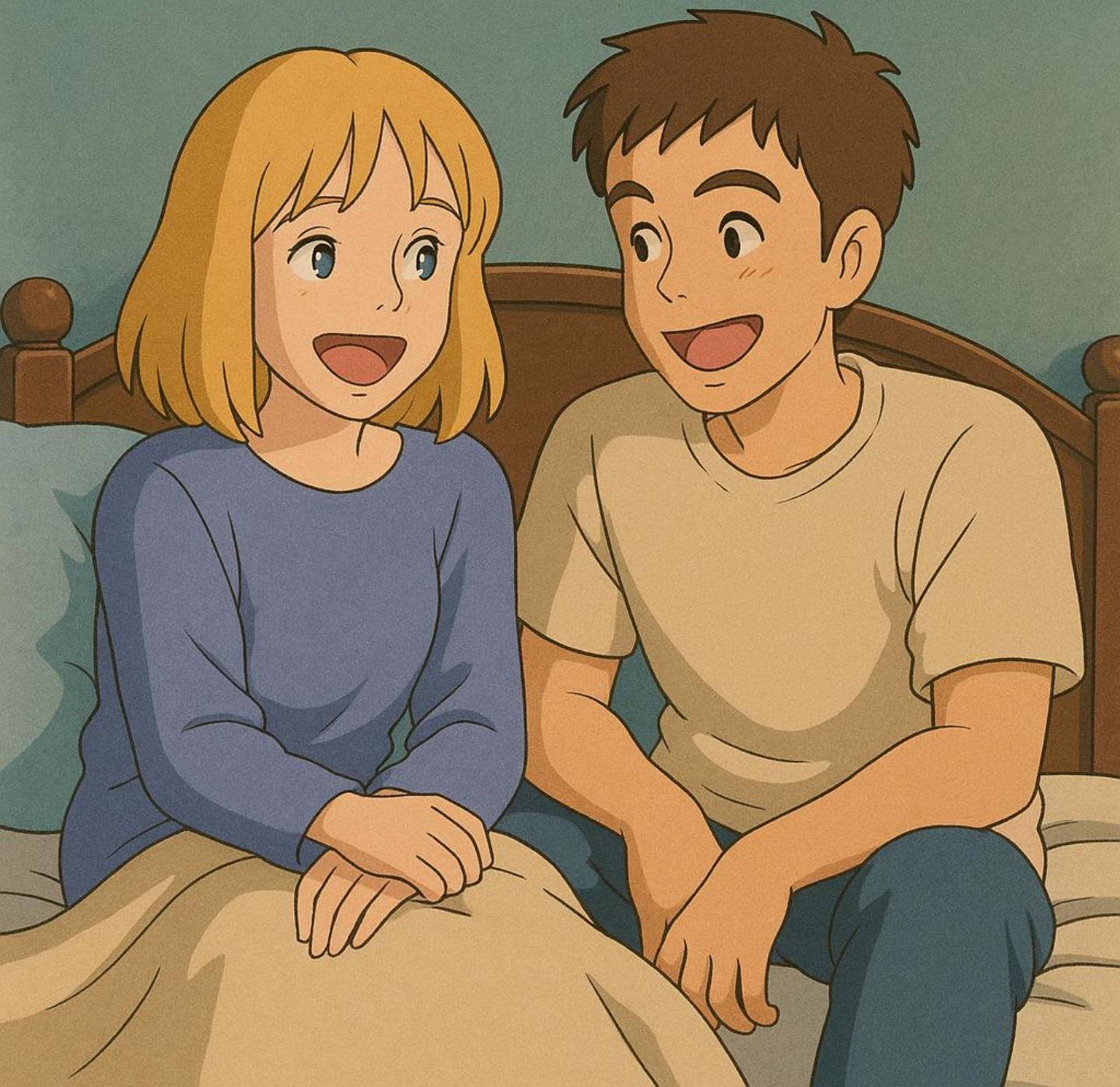
Marina olhou para mim e, com um sorriso, disse: “Eu vou entrar com uma placa dizendo: ‘Não estou grávida!’”, como se já soubesse o que os outros iam pensar de um casamento tão rápido. Mas ainda havia um grande obstáculo: o bispo da diocese da nossa região não permitia que os padres celebrassem casamentos fora das igrejas. A solução veio de onde menos esperávamos: conseguimos um padre, também com o nome de Flavio, que estava sob a jurisdição de outro bispo. Ele aceitara celebrar nossa cerimônia.



Tudo estava finalmente preparado, mas como já era de se esperar, o plano divino tinha algo diferente em mente. Na véspera do casamento, eu percebi, no meio da confusão dos últimos ajustes, que meu passaporte estava vencido. O pânico tomou conta de mim. Como conseguiríamos viajar para Playa del Carmen, no México, como planejado? Após algumas tentativas frustradas no aeroporto, soube que só conseguiria reagendar minhas passagens para dali a dois meses, e isso se tivesse sorte. O desespero foi grande.

Fui até a casa de Marina para dar a péssima notícia. Ela, com a serenidade que me cativava, perguntou: Todos estão bem, houve algum acidente? Você ainda quer casar comigo?

- Não teve acidente nenhum, todos estão bem, e, sim vamos nos casar amanhã...



Contei sobre o passaporte e a viagem...

Aliviada, ela simplesmente me disse: "Ahhh, só isso? Não tem problema. A gente passa a lua de mel em um hotel em Santos, e, vamos de jegue se for necessário". Ela me acalmou, e eu soube ali, naquele momento, que ela era a mulher certa para mim.



O grande dia finalmente chegou, e com ele, o que parecia ser a mais impecável das cerimônias. No entanto, como sempre, a vida tinha outros planos. O padre, com um atraso inesperado, chegou ao local 45 minutos depois do horário marcado. A cerimônia aconteceu, e foi tudo belo e perfeito, mas devido ao atraso, o saxofonista e os aperitivos não puderam acontecer como planejado. A primeira dança dos noivos foi um momento único, mas Marina estava visivelmente aflita, pois precisava ir ao banheiro. O casamento, apesar de todos os imprevistos, foi lindo e muito emocionante.



Após a festa, quando já estávamos na casa de Marina, um telefonema interrompeu nossa celebração. Era o Padre Flávio, com uma história inacreditável.

O Padre, claramente preocupado, contou para a Marina uma história que parecia saída de um filme.

Ele havia sido escalado para dois batizados importantes em sua comunidade, e, como sempre em casos como este, ele havia combinado com um padre amigo para que o substituísse. Porém, o inesperado aconteceu: o padre substituto nunca apareceu. E assim, com o tempo apertado, ele se viu obrigado a realizar os batizados, mesmo sabendo que o evento do nosso casamento estava se aproximando rapidamente.





Já atrasado, e com o coração apertado, ele procurou uma solução rápida. Pediu a um taxista da comunidade, um senhor idoso que, com toda a paciência do mundo, aceitou a tarefa. O padre e seus dois coroinhas entraram no táxi, e o endereço do nosso casamento foi entregue ao motorista, que o guardou cuidadosamente em seu bolso, sem imaginar a reviravolta que estava prestes a acontecer.

Durante o trajeto, o Padre Sandro, ansioso e impaciente, pressionava o taxista a acelerar. Ele sabia que a distância era grande, quase 60 km, e o tempo estava contra ele. Mas parecia que os céus novamente tinham outros planos. Com a pressão constante de Flavio, o taxista, começou a se sentir mal, o que levou a outra situação ainda mais caótica. Um pedido de emergência foi feito para uma ambulância, que rapidamente chegou ao local para levar o motorista ao hospital. O endereço do casamento? Esse foi, infelizmente, junto com o taxista, rumo ao hospital.



Com a situação fora de controle, o Padre Flávio, sem saber o que fazer, ligou para sua paróquia. Conseguiu o número de Marina, que imediatamente me ligou. Mas, eu não havia levado meu celular! O acaso parecia jogar contra nós. Então, Marina, ligou para o telefone de sua prima, que me passou a ligação. Eu, agora, com o endereço novamente em mãos, o repassei ao Padre Flávio.

Quando ele finalmente chegou ao nosso casamento, 45 minutos depois do horário marcado, o alívio foi instantâneo, mas a história não terminava ali. A verdadeira surpresa ainda estava por vir.

O padre substituto, que deveria ter feito os batizados na paróquia de Flavio, também havia sido pego de surpresa. Ele não chegou à paróquia no horário combinado, e, em uma reviravolta ainda mais dramática, descobriu-se que ele havia sido vítima de um sequestro relâmpago. Horas depois, foi encontrado no porta-malas de seu próprio carro, imobilizado e assustado, mas vivo.



Ao final da ligação e com um olhar incrédulo, a Marina perguntou, "Padre não mente, certo?", e o que parecia ser uma sequência de comédia se transformou em algo surreal.

Depois, fomos para o hotel Caesar Park que ficava perto do aeroporto de Guarulhos, hoje é um hotel de outra rede, a Marina foi dirigindo pois eu havia bebido demais. No estacionamento a Marina ia pegar os celulares do painel central do carro e eu disse que não precisaríamos deles naquela noite, que eles poderiam ficar no carro.

MERCOSUL



Mas, para não fugir do contexto da história...

Na manhã seguinte o celular da Marina não estava mais no carro!!

Foi uma longa negociação, mas no final ela ganhou um novo aparelho para substituir o que havia desaparecido...

Bom, ainda tínhamos o tema da viagem de lua de mel.

No dia seguinte seguimos para a polícia federal, munidos com o convite do casamento que a Marina pegou e levou junto.

O policial empatizou com o nosso problema e conseguimos um novo passaporte para mim em um tempo recorde que eu nunca imaginaria possível, em menos de uma hora!!

PASSAPORTE





Animados voltamos para uma agência de viagens e fomos remarcar as passagens, já conformados em viajar apenas dali a dois meses.

A atendente começa a teclar freneticamente e entre uma entrada de dados e outra, pergunta:

- Vocês já haviam olhado certo? E não tinha nenhuma possibilidade antes de dois meses?

- Sim esta é a situação que nos foi passada.

- Bom, achei uma opção, vocês voam amanhã, mas terão de ficar 3 dias a mais por lá!!

Com esta notícia, já casados começamos a nossa jornada juntos...



Agora, 22 anos depois, com duas filhas lindas, duas cachorras e um coelho, seguimos com nossa história, cheia de altos e baixos, mas sempre juntos, prontos para uma nova aventura a cada dia.



Visite o site www.clickdeclasse.com.br e acompanhe as novas histórias que forem surgindo.

Siga a página @clickdeclasse_ebooks no Instagram para conferir todas as novidades em primeira mão.

Clickdeclasse - Todos os direitos reservados.